

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 5 DE NOVEMBRO DE 1998

*Senhor Presidente do Senado Federal, Senador Antonio Carlos Magalhães; Senhor Ministro da Cultura, Professor Francisco Weffort; Senhores Embaixadores e Embaixadoras estrangeiros; Senhor Senador José Sarney; Senhores Ministros de Estado; Senhor Governador do Distrito Federal, Professor Cristovam Buarque; Senhora Governadora Roseana Sarney; Senhores Parlamentares; Senhor Prefeito do Rio de Janeiro, Luiz Paulo Conde; Senhoras e Senhores agraciados; Senhoras e Senhores,*

De acordo com o ritual da Presidência da República, a mim cabe fazer o encerramento de cerimônias desse tipo. Em geral, não tenho sentido grande embaraço em fazê-lo, porque, como professor que fui, gosto de falar. Sou até criticado por falar demais. Mas existe uma grande desvantagem em falar por último. Os aqui presentes que são políticos sabem, pelo ritual dos comícios, que a pessoa mais importante é a última que fala, quando o mais importante já foi dito.

Hoje, a desvantagem é absoluta, porque o Ministro Weffort fez um discurso primoroso. E eu não teria nada a acrescentar, a não ser agrade-

cer as referências generosas e excessivas feitas à minha pessoa, indo ao essencial e ao que era importante dizer em uma solenidade como esta.

É preciso ter a sensibilidade, além do conhecimento e da experiência concreta da vida brasileira para ser capaz, como foi o Ministro Weffort, de resumir em poucas palavras tanta coisa séria em uma cerimônia como esta, em que se distribuem medalhas a expoentes da cultura brasileira, em um momento de proximidade da comemoração dos 500 anos, momento que nos obriga a rever a História e que nos faz lançar um olhar para o futuro.

Está na moda dizer-se que as transformações, no mundo contemporâneo, levaram a uma espécie de dissolução da diferença de tempo e de espaço. Há até um livro famoso, que se chama “A Morte da Distância”. Talvez seja verdade. Talvez seja verdade que nunca, como hoje, para usar a expressão do Ministro Weffort, existiu essa contemporaneidade do não-coetâneo, em nível mundial. A distância como que desapareceu e o tempo também, porque tudo se dá em tempo real. Provavelmente, ao estarmos reunidos aqui, falando, os jornalistas já estão reportando para essas – não vamos dizer qual das “news”, para não privilegiar a Globo – várias “news”, nas telas das quais, aparece, imediatamente, o que se está dizendo. É tudo instantâneo.

Mas será precisamente esse o desafio que o Ministro Weffort mencionou, de, havendo essa convivência no tempo e quase no espaço das experiências multifacetadas da humanidade, haver também uma nova identidade, exatamente quando tudo parece dissolver-se? Será que esse não é também o momento da identidade cultural de uma nação?

Esse sentimento que nós, brasileiros, temos de continuidade, essa perspectiva histórica de um povo que dá a impressão de viver sempre o momento presente – e o vive com alegria –, mas que traz consigo os rastros da história e que, ao fazer isso, olha para adiante e é empurrado para frente pela própria história, na fórmula feliz do Ministro Weffort, isso é belíssimo. Nós somos um povo empurrado para frente pela nossa própria história.

Tive a oportunidade, recentemente, de passar os olhos, senão reler, um dos autores citados pelo Ministro Weffort, José Bonifácio, em uma

edição preciosa, pequena, muito interessante. E fiquei pensando como seria possível aquele homem, iluminista, professor em Estocolmo, que era versado em mineralogia, versado em várias disciplinas, que tinha familiaridade com a cultura francesa, que tinha todo o seu compromisso com uma visão libertária, até rebelde, voltar ao Brasil, ser tutor do segundo imperador e se aliar aos “conservadores” – como se lê nos livros de História – e passar a ser visto como se também ele fosse conservador. Será que era? Na verdade, José Bonifácio, como disse o Ministro Weffort, era rebelde. Trazia a história na alma e era empurrado para frente, para que o País pudesse avançar. Carregava a história em si.

Será que, naquele momento, o iluminista José Bonifácio, homem da ilustração, estava renegando seu passado? Ou estava atualizando-o? Ou estava tentando transformar, naquele momento, seu compromisso histórico, seu compromisso de vida, sua visão do mundo, diante de uma realidade escravocrata, imperial, analfabeta? Ele era contra tudo isso. No livrinho mencionado, que vale a pena reler, se vêem os projetos de José Bonifácio para o Brasil. Eles têm imensa atualidade; eram contra tudo que nos amarrava, contra a escravidão, contra o analfabetismo – não diria que contra o Império, seria talvez demais para ele – mas tentando realizar, a despeito das circunstâncias, o destino, que é de todos nós, de levar o País um passo à frente.

E, nesse ponto, é mais do que oportuna a referência, feita pelo Ministro Weffort, ao Sérgio Buarque. Tenho certeza de que o Professor Décio de Almeida Prado, aqui presente, se emocionou tanto quanto eu, pela convivência que tivemos com Sérgio Buarque. Não creio que a frase a que aludiu o Ministro Weffort tenha sido escrita pelo Sérgio. Ela foi dita. Foi dita em uma defesa de tese, no tempo em que defender tese tinha um significado simbólico maior do que tem hoje, em que nós nos vestíamos com nossas roupas talares e, dependendo do nosso grau, andávamos também uniformizados com as cores das nossas Universidades. Minha manta era azul, porque era catedrático da Faculdade de Filosofia.

Foi na defesa de tese de uma professora de quem o Ministro Weffort foi assistente, Paula Beiguelman, que Sérgio Buarque fez o comentário referido. A ilustre professora apresentara um trabalho muito interes-

sante, para entender a dinâmica política do Império e buscava paradigmas. Havia um paradigma do pensamento conservador, havia um paradigma do pensamento liberal e um paradigma que ela dizia ser do pensamento socialista. Este último era Joaquim Nabuco, que, certamente, de socialista não tinha nada. Mas, na verdade, na concepção dela, “socialismo” significaria o pensamento rebelde, de Joaquim Nabuco, a favor do abolicionismo.

Sérgio Buarque fez uma argüição brilhante. Aliás, quem assistiu às argüições de Sérgio Buarque sabe que ele era, à moda dele, um pouco enrolado para falar, mas brilhante. Fui argüido por ele duas vezes: na minha tese de doutorado e na minha tese de cátedra. Nas duas vezes, a argüição era melhor que a tese. Pois bem, na argüição de Paula Beiguelman, se me recordo bem, Sérgio Buarque disse: “Doutora, a senhora certamente leu Burke”. (Burke é um ilustre pensador inglês, que reagiu à Revolução Francesa, e, portanto, fez a defesa dos valores tradicionais, conservadores). “Claro que li Burke”, respondeu. A argüição continuou: “E a senhora acha que as pessoas, a quem a senhora se refere na tese, tinham, realmente, uma estrutura consistente de pensamento, com espinha dorsal? Elas organizavam o comportamento à luz de valores conservadores?” Porque o valor conservador existe. Ele se opõe a certas visões, ele afirma outras, tem coerência. “Doutora, eles eram atrasados. Nós não tínhamos conservadores no Brasil. Tínhamos gente atrasada”, disse Sérgio Buarque.

Pode parecer que a observação é superficial, mas não é, e ligo essa lembrança da palavra de Sérgio Buarque ao que disse o professor Weffort. No Brasil, podemos ter pessoas atrasadas, mas é difícil que alguém possa organizar o seu pensamento de maneira a ser consciente, consistentemente, reacionário e opor-se à mudança, opor-se ao futuro. O peso da história nos empurra, realmente, para o futuro. Mesmo os que, por atraso, pensam que são conservadores. E também alguns que pensam que são progressistas e julgam os outros como conservadores, muitas vezes são atrasados. Nesse sentido, dão-se as mãos.

Mas, por que nós, consumidos em perguntas e empurrados para frente eventualmente, aparecemos como atrasados aqui e ali? Nem

sempre, nem todos, e eu me incluo nisso. Por que existe esse imperativo de ir para adiante? Porque talvez, como Monteiro Lobato, ou como D. Pedro I – citado por Weffort – estejamos, a despeito das posições, sendo levados, e não condenados, levados a essa postura? É porque nós temos, no Brasil, um povo com uma experiência existencial – não é só a nossa, falo da nossa experiência mas ela vale para outros povos dessas Américas – que é muito forte. Desde a nossa formação, havia um espaço imenso a ser ocupado por pouca gente. E os que chegavam sentiam-se como no verso famoso “as aves que aqui gorjeiam, não gorjeiam como lá”, mas dito com sentido contrário ao original. Os que aqui chegavam espantavam-se com as nossas aves – podiam até gostar, mas se apavoravam, também – se recordavam das deles e, pouco a pouco, foram sendo dominados por esse espaço fantástico e pela sensação de que aqui, em plantando, tudo dá. De que aqui é possível “fazer”. Ou melhor, mais do que “é possível”, “há que fazer”, ou não se sobrevive. Esse sentimento de fazer, de construir, a despeito das circunstâncias – ou não se sobrevive – vem dessa imensidão de terra e mato que foi ocupada por pessoas que se espantaram, que encontraram aqui outros povos, que guerrearam com esses outros povos – às vezes dizimaram-nos, fizeram genocídio – mas, de repente, mesmo que o tenham feito, noutra circunstância tiveram que conviver, se fundiram, se confundiram, vieram os negros e deu nisso que está aqui: uma cultura que é própria.

E hoje, nesta manhã, ao colocar no peito de cada um dos senhores e das senhoras esta comenda, fui pensando sobre a história de cada um. Tão distantes uns dos outros, muitas vezes de origens tão díspares, de modo de atuar no dia-a-dia, tão diferentes uns dos outros, de ocupações – ainda quando culturais – da cozinha ao candomblé, à flauta, ao samba, ao pensamento, ao cinema, ao teatro. A rememoração de tudo isso, a propagação de tudo isso, é o Brasil. É o Brasil, e não cabe a nós que, eventualmente, estamos ocupando uma posição de governo, senão reverenciarmos a capacidade de realização desse povo. Porque, ao reverenciar os senhores e as senhoras, como fazemos esta manhã, estamos reverenciando o que há de melhor em nosso país: essa capacidade de inovar e de confundir. Nós confundimos tudo. Eu não quero falar de-

mais, mas tenho paixão pela confusão brasileira. Nós confundimos tudo, isso é muito nosso, porque nossa confusão não é uma confusão que leve ao atrito, é uma confusão que recria, como foi recriado o nosso hino, esta manhã, tão belamente tocado por esse admirável pianista que nos comoveu com a maneira apaixonada como tocou. Nós somos um povo apaixonado. Mas não só da paixão que às vezes mata. Muito mais da paixão que perdoa, que esquece. É difícil ter paixão e perdoar. Geralmente, a paixão não dá espaço para o perdão. Ela cega. O Brasil – com nossa confusão – produz essa paixão que perdoa, com algum comedimento, não muito, porque muito seria desagradável, seria aborrecido se houvesse muito comedimento.

Eram essas poucas observações que eu queria fazer, como num pé de página, fazendo apenas um comentário breve ao admirável discurso do Ministro Weffort, e dizer, de todo o coração – mormente hoje, um dia, muito bom, depois das votações de ontem. Mas dizia, hoje, da grande satisfação, da grande alegria de ouvir a música de José Carlos Martins, de ouvir o discurso do Ministro Weffort e, sobretudo, de apertar a mão de cada um dos senhores e das senhoras e, simplesmente, ao condecorar-lhes, sem lhes dar na medalha a mesma espada que os portugueses davam a seus heróis, inscrever simbolicamente, nessa quase cruz da nossa medalha do mérito cultural, e dizer da nossa admiração pelo muito que os senhores e as senhoras estão fazendo pelo Brasil.

Muito obrigado.